

ID: 116691199

16-04-2025

Niceia – o concílio que afirma que a humanidade é capaz de Deus. E isso é uma grande esperança

Os dois problemas principais abordados em Niceia, há 1700 anos, foram a natureza de Jesus e a data da Páscoa

Niceia foi um concílio que “deu prioridade a Deus” e ao seu louvor, defendeu que “a humanidade é capaz de acolher o todo de Deus”, “traduziu e interpretou a fé cristã” para um contexto diferente do original e “sacralizou a forma sinodal” da Igreja. Estas são algumas das ideias conclusivas da exposição de D. Alexandre Palma, na tertúlia “Cristianismo, hoje: que esperança? Nos 1700 anos do Concílio de Niceia”. A tertúlia decorreu no Centro Universitário Fé e Cultura, em Aveiro, na noite de 9 de abril, numa organização da Comissão Diocesana da Cultura.

D. Alexandre Palma começou por esclarecer que a esperança – o ciclo de tertúlias tem andado à volta deste tema nos mais diversos campos, como a inteligência artificial ou a ideologia de género – não foi tema de Niceia, mas o concílio de há 1700 anos, que começou no dia 25 de maio de 325 e durou cerca de um mês, abordou temas que abriram perspetivas de futuro. Ultrapassaram-se impasses, principalmente em duas questões, e inaugurou-se um modo de tratar os problemas – o concílio ecuménico, isto é, universal.

Os dois problemas principais abordados em Niceia foram a natureza de Jesus e a data da Páscoa. Em relação ao primeiro, estava em causa o subordinacionismo de Ário e seus sequazes. Segundo este sacerdote egípcio, Jesus era subordinado ao Pai. Era uma excelente criatura, mas não de realidade divina. Contra ele, Niceia declarou que Jesus é da mesma substância que o Pai,



Luís Silva, coordenador da Comissão Diocesana da Cultura, D. Alexandre Palma, bispo auxiliar de Lisboa e professor da Universidade Católica, e D. António Moiteiro, bispo de Aveiro

ou seja, “consustancial” (“homousios” – da mesma substância, em grego), como ficou consagrado no credo dominical, que em parte deriva de Niceia, e que, como afirmou o palestrante, talvez já antes fosse proclamado em Cesareia.

O segundo problema foi o da data da celebração da Páscoa. Uns cristãos celebravam-na no “14 de Nisã”, como os judeus, fosse qual fosse o dia da semana. Outros celebravam-na no domingo seguinte. Ganhou a fação de a celebrar sempre ao domingo, dia da Ressurreição.

D. Alexandre Palma, numa exposição com muita informação histórica e teológica, e muito apreciada pela meia centena de participantes, notou que o concílio só pôde acontecer depois de a liberdade religiosa ter sido declarada em 311 e num contexto em

Jornada sobre Niceia

No próximo dia 20 de maio, exatamente 1700 anos depois do dia da abertura do Concílio de Niceia, haverá uma jornada de estudo sobre o documento da Comissão Teológica Internacional publicado no dia 3 de abril de 2025, precisamente sobre a cristologia de Niceia. A iniciativa “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. 1700º aniversário do Concílio Ecuménico de Niceia (325-2025)”, decorrerá no Auditório “São João Paulo II” da Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma.

que a ordem pública podia estar em causa com a divisão dos cristãos. Por isso, o imperador Constantino se empenha na realização do concílio, que, aliás, acontece no seu palácio imperial de Niceia (povoação perto de Constantinopla, no lado asiático). O Papa não está presente, como não estaria em nenhum dos primeiros concílios ecuménicos, que são todos no Oriente, mas envia Ósio de Córdoba como delegado.

Do concílio não nos chegaram as atas. Mas sabe-se o que lá aconteceu pelos testemunhos em cartas, tratados e outros escritos de pessoas que nele participaram. Atanásio de Alexandria, que esteve em Niceia como diácono do bispo Alexandre de Alexandria (e mais tarde seria bispo de Alexandria, no Egito), é a fonte mais importante para conhecer o que se passou no concílio.

Com Niceia, afirmou Alexandre Palma, que é bispo auxiliar de Lisboa e professor de Teologia na Universidade Católica, “o cristianismo aprende a dizer-se” na cultura de matriz grega. A afirmação da divindade de Jesus, apoiando-se no Novo Testamento, tem consequências para todos os seres humanos, pois significa que a integralidade de Deus está na humanidade. Isto são notas de esperança. E mais esta: nas suas convulsões, a Igreja encontrou na forma conciliar (sinodal) uma forma de as ultrapassar.

Em diálogo com os participantes, D. Alexandre considerou que será exagerado afirmar que a “democracia nasce em Niceia”, embora tivesse momentos antes afirmado que no tempo de Niceia alguns detentores do poder preferissem o arianismo. De alguma forma, crer que só o “Pai” é Deus levaria à concentração do poder político numa só pessoa. Considerou, por outro lado, que a receção dos concílios, de Niceia ao Vaticano II, nunca é fácil. Demora tempo e por vezes surgem novos problemas. Depois de Niceia, as questões cristológicas e trinitárias seriam debatidas numa série de concílios, até Calcedónia, no ano 451. E esta dinâmica de “tradução” e “interpretação” passou a ser um modo de a Igreja se situar no mundo. Por fim, numa altura em que católicos e protestantes, por um lado, e ortodoxos, por outro, celebram a Páscoa em datas diferentes, devido à reforma do calendário no Ocidente, considerou que seria um sinal interessante para o mundo a celebração numa data única – como, por coincidência de calendários, acontece em 2025 -, mas tal afigura-se difícil, dada a autocefalia das igrejas ortodoxas e – como observou o Bispo de Aveiro, presente na sessão – a oposição do Patriarcado de Moscovo.

Niceia – o concílio que afirma que a humanidade é capaz de Deus